

PROFESSOR E GESTOR MOVIDO À PAIXÃO

Elenor J. Schneider¹



Ingo Voese com os colegas de escola Normal Evangélica - São Leopoldo, 1955.

O professor Ingo Voese iniciou suas atividades como professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em Santa Cruz do Sul/RS, no dia 4 de abril de 1975. Dedicado inicialmente às atividades de ensino, pesquisa e extensão, acabou, anos mais tarde, assumindo funções administrativas nas quais abriu espaço para discussões decisivas para o destino próximo do ensino superior na região. Ingo era um idealista, um sonhador de alguns sonhos viáveis, outros não, mas sempre disposto a investir em novos projetos, a desbravar novos horizontes, a inventar possibilidades. Para mim, ao

menos, parece que foi necessária a distância, até mesmo a última distância, para, examinando sua trajetória, perceber o quanto significou sua permanência entre nós. Coube-me a tarefa, nesta homenagem justa, de perscrutar sua jornada como professor, educador, pesquisador e gestor nos 12 anos em que atuou nas então Faculdades de Santa Cruz do Sul.

O LINGÜISTA, O PROFESSOR INQUIETO E DESAFIADOR

Em reunião de 21 de novembro de 1973, o Departamento de Letras ventilou a proposta da criação do Centro de Estudos e Pesquisas Lingüísticas e Literárias, o Cepell. Em 1974, a idéia foi tomando forma, surgindo três nomes para a coordenação,

Elenor Schneider e Vera Santos, ambos recém-egressos do curso de Letras e, pela primeira vez, aparece o nome de Ingo Voese, cujo ingresso nas Faculdades se deu apenas em abril de 1975.

Em junho, apresentado aos professores do Departamento, foi também anunciado como o primeiro coordenador do Cepell, contando, para isso, com tempo integral. Na mesma reunião, já apresentou um regimento e manifestou o propósito de se fazer uma publicação anual de trabalhos do Centro e outros textos. Estavam abertos os caminhos para a criação da revista *Signo*, cujo primeiro número data ainda de 1975. No Editorial, assinado pelo então Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, professor Anildo Bettin, está escrito que “o objetivo é promover o intercâmbio de informações de nível científico em torno da linguagem com pessoas e instituições que manifestarem interesse. A palavra intercâmbio envolve a idéia de confronto crítico, de debate e de argumentação”.

A criação do Cepell e o lançamento da revista foram avaliados como uma forma de a Faculdade ser formadora de uma inteligência de vanguarda e de promover a pesquisa e a reflexão científicas. A revista permanece ativa até hoje e o Cepell, depois de um período de hibernação, está sendo reanimado, até mesmo para servir aos propósitos do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado.

Logo em seguida, já como atividades do Cepell, começam a ser oferecidos cursos aos professores e acadêmicos, seja na área de lingüística, seja na de literatura. Esses cursos eram muito concorridos e tinham reconhecida novidade e qualidade. Eram atraentes e cheios de novidades, muitas pessoas participavam das discussões propostas. No Centro, havia uma biblioteca de algumas centenas de livros, constituindo uma bibliografia de vanguarda que despertou professores e acadêmicos à pesquisa e à produção científica.

Em 1976, em ação pioneira do Departamento de Letras e já na esteira da pesquisa provocada pelo Cepell, foi implantada a Monografia no Curso de Letras, cujas orientações básicas foram apresentadas pelo professor Ingo. Sua permanência no Cepell estendeu-se até agosto de 1980, quando foi deslocado para assumir o setor de Educação Permanente, um setor que, segundo se dizia na época, deveria proporcionar lucro, o que não acontecia com o Cepell. Em 1981, a coordenação do Cepell foi assumida pela professora Alba Olmi, então brilhante aluna egressa do próprio Curso de Letras.

O professor Ingo publica na revista até o segundo semestre de 1980. No primeiro artigo, aborda questões relacionadas à influência do sistema fonológico da língua nativa sobre a língua estrangeira. Ao analisar a realidade lingüística de uma pequena comunidade do interior de Santa Cruz do Sul, já aponta para o que vai ser seu grande foco como gestor nos anos 80: o compromisso da universidade com a realidade do homem que lhe está próximo. E expressa isso dizendo que o homem sem domínio pleno do principal instrumento de comunicação, a língua, marginaliza-se num processo cultural.

No segundo número, publica “A linguagem da propaganda e o ensino da língua materna no 2º grau”. Questiona o sistema cultural que “age sobre o homem, determina-o, inclusive lhe propondo o que e como pensar”. Aponta a linguagem da propaganda como possível conteúdo a ser trabalhado nas salas de aula do então 2º grau. Seu texto nos trazia para perto Durand, Foucault, Baudrillard, Popper, para nós, seus colegas, novidades a serem desvendadas.

Em 1976, no terceiro número, Ingo saúda a participação de colaboradores externos, com artigos do lingüista alemão Dr. Christian Lehmann e da professora paranaense Vera Regina Araújo Pereira. O número seguinte continuou com a presença do lingüista alemão, além de continuar com espaço aberto para as publicações dos próprios acadêmicos do Curso de Letras, o que era muito incentivado.

O professor volta a escrever em 1977, abordando a relação que se estabelece entre o homem e a linguagem, procurando desvelar os aspectos que envolvem a crescente deficiência lingüística do presente. Defende que o fazer científico só se justifica quando aponta soluções para um problema do homem. Se então há um problema que se chama “linguagem deficitária”, que a Lingüística ofereça recursos para lidar com ele. Esse estudo ele completa no primeiro número de 1978. As faculdades haviam instalado uma gráfica, o que significou um recuo na qualidade material da revista. Mas nem a perda de qualidade na apresentação desconsola Ingo que vê no fato um ganho porque passa a ser um produto feito inteiramente na casa, mostrando, segundo ele, as potencialidades do ensino superior na região do Vale do Rio Pardo.

Ingo ainda publica dois artigos densos, em 1979 e 1980. No primeiro – O conceito de ruptura no discurso da subjetividade -, examina a obra literária como possibilidade de ser objeto de discurso científico, apesar de se constituir um espaço de exercício da subjetividade na relação comunicativa que se estabelece entre autor e leitor.

Visita, para tanto, as obras de Ducrot, Barthes, Searle, Foucault, entre outros. Vale a pena conferir esse ensaio. No segundo – Introdução ao estudo crítico do discurso educacional –, aponta para o poder que a linguagem é capaz de assumir: “O discurso educacional, porque se constrói a partir de uma concepção do homem, coloca uma questão muito séria, se se observa que ele pode ser o instrumento mais eficiente para instalação e consolidação de mecanismos de seleção de que a sociedade se vale para agrupar indivíduos, de tal forma que minorias podem dominar maiorias, ou outras minorias, para usufruir privilégios cada vez maiores.” Reflete a partir de Paulo Freire, Cassirer, Foucault, Sartre, entre outros. Permeando esses dois textos, está uma longa entrevista com Deonísio da Silva, seu grande e particular amigo, publicada na revista *Signo* número 9, de março de 1980.

Depois de intenso mergulho nas reflexões teóricas, seja na área lingüística, seja na área educacional, Ingo vai dedicar os próximos anos à gestão acadêmica, deixando marcas importantes para a posterior consolidação da Universidade de Santa Cruz do Sul. Nesse período, também, busca seu mestrado na PUCRS, o que veio contribuir ainda mais para a qualidade de seu trabalho.

Em agosto de 1981, voltando do Encontro Internacional de Filosofia da Linguagem, realizado em Campinas, falou da nova postura teórica diante da linguagem, agora com ênfase na lingüística do discurso que viria se opor à estrutura lingüística tradicional e ao Estruturalismo. Sempre atento aos avanços da pesquisa na área, alertou que qualquer reforma deve-se fundamentar nas ciências humanas (entre as quais a Lingüística), o que evitaria, segundo ele, conclusões empíricas, aleatórias e sem sistematização.

Suas aulas marcaram os alunos, porque era provocativo, desafiador. Diz Beatriz M. Sperb: “Era o ano de 1976. Como aluna do 2º semestre de Letras, tivemos a notícia de que um novo professor assumiria a disciplina de Lingüística. O professor Ingo chegara à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1975 e sobre seu trabalho não tínhamos ainda muitas informações. Nosso primeiro contato com o professor, no entanto, nos deixou muito à vontade. Era uma pessoa extraordinária: acessível, comunicativo, inteligente, perspicaz. Desde logo pudemos constatar a profundidade do conhecimento que detinha, a cientificidade de cada questão que trazia à discussão. Enfim, íamos saber de fato o que era Lingüística. E seu conceito a cada momento crescia entre nós. Em aula, analisávamos várias hipóteses sobre a formação, a evolução

e o funcionamento da linguagem, experiência que me tem sido útil até hoje. O professor Ingo, graduado em Letras pela UPF em 1972, era mestrando da PUCRS, onde, em 1977, concluiu o curso em Lingüística e Letras. Procurava despertar em seus alunos o gosto pelo estudo da língua, pela pesquisa, pela produção científica e pela publicação dessa produção. Como suas alunas, realizamos um trabalho muito interessante – Uso de matrizes para o estudo do verbo português. – publicado na revista Signo número 5, de dezembro de 1977. Ao saber da morte do professor Ingo, lastimamos muito a perda do amigo e do grande professor.”

Outra ex-aluna, Rosa Glesse, que foi também assessora dele nos anos em que estive nas Faculdades Integradas, tem esta lembrança: “Fui aluna do professor Ingo e tinha verdadeira paixão pelas aulas dele, tanto de Língua Portuguesa como de Lingüística. Ele fazia escrever e argumentar para ver até onde ia o poder de convencimento. Trabalhei diretamente com ele na Coordenação do Projeto Universitário, em 1978, e depois durante o período da Direção-Geral. Sempre o considerei um grande sonhador, mandando elaborar projetos e projetos que sabia desde o início não serem concretizáveis. Foi um grande amigo que valorizava meu trabalho, tanto que recebi uma placa de prata como reconhecimento, em sessão do Colegiado Superior da Fisc, no final de sua gestão.”

A partir de 1 de março de 1981, assumindo a Direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ele passou a se envolver intensamente nas atividades de gestão, cuja trajetória traçamos a seguir.

O GESTOR

Ingo Voese assumiu a direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1 de março de 1981, e destaca-se sua preocupação com o planejamento, com a proposição de uma linha política e filosófica. Deixou claro seu desejo de ver linhas de pesquisa voltadas para as necessidades da região. Em vista disso, teve grande preocupação com a extensão, criando setor responsável por isso. No ano de 1981, também, foram desenvolvidos cinco cursos de pós-graduação.

Nessa mesma época, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras implantou os Cursos de Férias, que por quase trinta anos atraíram milhares de estudantes de diversas regiões do país e aumentaram extraordinariamente a oferta de trabalho a professores.

Em abril de 1982, volta a bater na tecla da missão do ensino superior, afirmando: “A médio e longo prazo, é necessário caracterizar melhor o ensino superior em nossa região, enfatizando o ensino, a pesquisa e a extensão.” E retorna ao que sempre o preocupava prioritariamente em seu projeto de professor e pesquisador, o homem da zona rural: “É preciso colocar-se a serviço do, talvez, maior problema da região: o abandono do homem do campo. A solução de muitos dos angustiantes problemas urbanos deve começar com a solução dos problemas do homem do campo”.

Em vista disso, dá grande incentivo aos incipientes projetos de pesquisa que aos poucos despontavam nas faculdades locais. Na área de Ciências, a proposta para a busca de alternativas de energia para os minifúndios, com a utilização de biodigestores, minidestilarias, aproveitamento da energia solar; o Cepell, que deveria levar em consideração o desempenho lingüístico dos professores municipais; a área de Estudos Sociais, à qual competiriam registros sobre a memória, a terra e a sociedade da região fumageira do Rio Grande do Sul. Na ocasião, formaram-se grupos de estudo e reflexão, com atividades desenvolvidas dentro dos horários de trabalho dos professores, numa antecipação de uma face de projeto de universidade. O foco dos estudos deveria ser a realidade do homem rural. Vários cursos foram oferecidos aos professores da região, na área de Ciências, Língua Portuguesa, estudos latino-americanos, um curso de formação para professores municipais. Dessas atividades de pesquisa e extensão, segundo Ingo, a faculdade deveria obter os elementos determinantes dos conteúdos dos cursos de graduação. O objetivo era, enfim, produzir material instrucional para o ensino de 1º e 2º graus da região.

Ainda em de 1982, no mês de julho, latente mais uma vez a preocupação com o homem do campo, desencadeia discussão sobre a possibilidade de implantar um Centro Rural de Ensino Supletivo (CRES) em Santa Cruz do Sul. Esse deveria ser o grande ideal das faculdades em Santa Cruz do Sul. Preocupado em alcançar o professor onde estivesse, incentivou a implantação de cursos a distância, o que Letras e Educação fizeram ainda em 1982.

Seguindo sua trajetória na área da gestão, assume, em 1 de janeiro de 1983, o cargo de Diretor-Geral das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul (Fisc). Em sua

primeira visita a Brasília, volta entusiasmado com a idéia de criar uma Escola de Aplicação e implantar o Centro Rural de Ensino Supletivo (CRES). Visitou vários setores, mas da Capes trouxe esta constatação: “Exige, hoje, acima de tudo, que a universidade melhore seu conteúdo, sugerindo que as aulas deixem de ser receitas e que venham a preparar o aluno para a reflexão, o raciocínio, de forma que, no futuro, não tenha que buscar soluções nos seus cadernos escolares.” Ora, essa constatação veio plenamente ao encontro daquilo que ele, desde o início, defendia para o ensino superior em Santa Cruz do Sul.

Em junho do mesmo ano, em longa entrevista, analisa o ensino superior em Santa Cruz do Sul, a atuação dos Cursos e Departamentos, defendendo a ampliação da autonomia destes, bem como do corpo técnico. E, na ocasião, fala enfaticamente de que a Fisc estava em condições de já começar a sonhar com a universidade, que o Plano Geral Anual de 1984 deveria ser elaborado tendo em vista o preenchimento das exigências para encaminhar esse pedido. E apontava os principais obstáculos: a pouca titulação do corpo docente, o baixo acervo bibliográfico, as poucas atividades de pesquisa e extensão.

Na mesma entrevista, já levando em consideração essas carências, fala na necessidade de egressos e professores buscarem qualificação fora da Fisc, fazendo forte referência a uma política de pessoal, que viria a ser seguida de forma intensa principalmente na década de 80 e 90. Bate muito nessa questão de os professores buscarem qualificação, de saírem de seu comodismo e de se abrirem espaços para os novos que vêm com formação. E prevendo possíveis dificuldades para essa busca fora, antecipa a importância e o crescimento dos cursos de pós-graduação locais, principalmente pela presença de professores de outras instituições do país. Como vários cursos, como por exemplo Ciências Contábeis, contavam apenas com professores cuja maior ocupação era fora das faculdades, a oferta da pós-graduação viria preencher carências nessas áreas.

Projeta uma universidade para até dez mil alunos, que deveriam ter tempo para permanecer dentro dela, qualificando-se para os caminhos a seguir depois da conclusão dos seus cursos. Propõe rumos diferentes aos que norteavam o pensamento corrente sobre o papel da universidade na região: “A universidade deve, terminantemente, se recusar a atender especificamente o mercado de trabalho. Porque esse mercado é tão volúvel, ele se modifica tão constantemente e pela tecnicização de todas as tarefas, que

nenhuma universidade tem condições de manter cursos voltados unicamente para esse mercado. A universidade poderia preparar pessoas que fossem criativas, críticas, que por si só fossem capazes de abrir seu espaço de trabalho.”

Fazendo um balanço de seu primeiro ano de gestão, destaca: a ênfase com que alguns conceitos passaram a frequentar um referencial teórico para nortear as ações das Faculdades, tais como educação participativa, descentralização, democratização das decisões, integração; a ampliação expressiva do número de bolsas a acadêmicos; a implantação do novo campus e a decisão de transferência dos primeiros cursos; o delineamento do Projeto Universitário, com a montagem de uma carta-consulta; a ampliação dos serviços do CPD, inclusive com correção das provas de vestibular; no início do ano havia um candidato a Mestrado, no final do ano, 30; o desencadeamento de estudos, junto com a Associação dos Professores, para a implantação do Plano de Carreira dos Professores; a criação da Escola Educar-se; a ampliação de 14 mil para 25 mil títulos na biblioteca. Em 7 de dezembro, realiza-se amplo seminário sobre o Projeto Universidade.

Sobre a criação da Escola Educar-se, buscamos o depoimento da professora Miria Susana Burgos, da Unisc, do qual transcrevemos algumas passagens: "A lembrança mais marcante que tenho dele é de maio de 1983, quando acabara de ser cedida do Estado (DE- Delegacia de Educação) para a FISC, em regime de 40 horas. Na ocasião, me solicitou que coordenasse o processo de implantação da Escola de Aplicação da Fisc, uma vez que havia a pretensão de criação de Universidade e uma "escola de aplicação" seria, na época, uma condição para a aprovação. Foi, então, que a isso me dediquei, quase que integralmente. Em 3 meses, o processo foi estruturado e concluído, tudo acompanhado pelo professor Ingo Voese, Diretor-Geral da Fisc, pelo Professor Juarez Schmidt, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e pelo Professor Ervino Hoelz, Presidente da Apesc. Na ocasião, a Professora Helga Haas fez um belo texto sobre a justificativa do nome da escola "Educar-se", que permanece até hoje. O processo foi aprovado pelo CEE-RS (Conselho Estadual de Educação), sem baixar em diligência e, em março de 1984, a Escola iniciou com as primeiras séries do Ensino Fundamental e Médio. Esse fato, aliado à história pregressa da Fisc, penso ser uma das sementes lançadas para a criação da Unisc."



Ingo: Diretor geral da Fisc, presidindo formatura - Santa Cruz do Sul, 1984.

O ano de 1984 é dedicado ao aprofundamento dos debates sobre a carta-consulta da universidade a ser encaminhada ao Conselho Federal de Educação, descartando-se uma intenção inicial de encaminhamento por via política. E continuava a luta para suprir carências, principalmente a ampliação do acervo da biblioteca e a titulação dos professores. Avaliando a Feira Nacional de Ciências, em dezembro de 1984, sintetizou sua maneira firme de trilhar os caminhos traçados: “O que mais me assusta não é o caminhar, mas o ter de parar.”

Em 1985, o país vive um momento efervescente, pois um novo governo assumiria em março daquele ano. Ingo acredita que se possa ter um ânimo renovado para a educação, que, segundo ele, vive mais de esperança e de teimosia do que de apoio e políticas bem definidas. Considera que o papel da Fisc é andar na vanguarda da democratização: “Só há crescimento onde há liberdade; só há educação onde as diferenças humanas não precisam ser escondidas, mas compreendidas e refletidas.” Aos que chegam à Unisc, “que se engajem num trabalho onde não haja hipocrisia, autoritarismo e demagogia, enfim, que ajudem a denunciar e a eliminar em todos nós e em si mesmos todos os traços que não conduzem a um convívio fraterno e a um crescimento humano”.

Em junho do mesmo ano, concede nova entrevista, agora mais incisiva sobre universidade. Considera que a Fisc apresenta uma estrutura e uma vida internas já em nível de universidade, as publicações, como decorrência da expansão da pesquisa e da extensão, crescem, já conta com 4 doutores e 20 mestres. Começam a surgir os

primeiros convênios com duas universidades argentinas, Universidade de Buenos Aires, e Universidade de Belgrano, ampliando-se, assim, as fronteiras internacionais da Fisc, aqui especificamente na área do Direito. O que falta, na sua opinião, é algum curso na área tecnológica e um suporte financeiro que convencesse o Conselho Federal de Educação de que a instituição teria condições de se manter e expandir. Assim enfoca o momento: “O ensino superior em Santa Cruz do Sul não firmou uma imagem clara de sua importância, especialmente porque talvez a comunidade ainda não entendeu que um processo de desenvolvimento que não coloque em risco a própria comunidade não pode prescindir da universidade.”

E critica a comunidade: “Parte da comunidade ainda acaricia a idéia de ter uma universidade como ornamento e que servisse apenas ao mercado de trabalho.” Defende que a universidade deve ser um espaço plural, com participação de todos: “Daí porque o conceito de universidade deve ter implícita, imperiosa e forçosamente, a idéia de liberdade de expressão e a presença das mais diversas posições político-teóricas, exatamente para poder absorver todos esses conflitos da comunidade, haja vista que a sociedade nunca é monocrômica e sim policrômica.”

Aos estudantes e sua participação deixa o recado: “Ninguém ganha espaço de participação de presente, ele deve ser conquistado, muitas vezes, dentro de uma dura realidade. Enfim, se alguém quer falar, deve saber que ele assume um ônus, porquanto o ato da fala é um ato político.” A propósito, em vários momentos externou sua preocupação com o apoio financeiro aos estudantes carentes.

Em outro momento, falando sobre a participação do jovem na construção da universidade: “Creio principalmente no jovem, mas num jovem corajoso, não festivo nas suas críticas, não covarde buscando fuga nas drogas ou em outros processos, mas num jovem consciente, que pensa, que sabe viver, que não contesta por contestar, que tenha coragem de se posicionar, de defender um ponto de vista e agüentar as conseqüências de suas opções.”

Ainda em 1985, no mês de novembro, preside a Comissão Executiva do II Seminário de Desenvolvimento de Santa Cruz do Sul e define o papel das faculdades: “As Faculdades Integradas não propõem o desenvolvimento, elas apenas oportunizam um momento para a comunidade discutir o desenvolvimento.”

O ano de 1986 foi o último de sua gestão e também o último em que teve vínculo com a Fisc. Em abril, na abertura do I Simpósio de Educação e Política, avalia:

“As Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul alcançam, neste momento, aquele estágio desejável para qualquer instituição de ensino superior, expondo-se e aceitando, sem medos e sem arroubos festivos, o desafio de inovar conceito e ação. Na verdade, as Faculdades assumem-se hoje, adultas, como universidade que, de fato, já são.”

Ao final daquele ano, apresenta seu relatório, como Diretor-Geral no período de 1983-1986. Diz na introdução: “Uma das metas foi o projeto universitário, que, apesar do muito que se trabalhou nele, não chegou à concretização final, ou seja, o encaminhamento da carta-consulta aos órgãos competentes. Foi realizado amplo trabalho de conscientização, através de debates, entrevistas e assembléias com pessoas entendidas no assunto e representativas da comunidade. Deixou-se bem claro que a universidade regional não pode ser concebida dissociada da comunidade. Uma depende e necessita da outra, completando-se mutuamente. A maior barreira que deve ser transposta é a financeira, o que a mantenedora não consegue sem a colaboração da comunidade, através do poder público, das empresas privadas e das pessoas físicas.”

Destaca, no mesmo relatório, que representa praticamente sua última participação na Fisc, aquilo que considera seus grandes objetivos alcançados: a implantação da democracia, com profundas mudanças na estrutura do poder; a qualificação do corpo docente e a implantação do Plano de Carreira do Magistério Superior; a instalação efetiva da pesquisa nas mais diversas áreas; a dinamização da publicação de obras de professores, revistas e periódicos; a integração e o envolvimento com a comunidade; a criação da Escola de 1º e 2º Graus Educar-se; a criação do Coral da Fisc; a provisão do espaço físico para o bom funcionamento das faculdades; a instalação do novo campus e a transferência gradativa dos cursos.

Para ilustrar a atuação do professor no seu período de Direção-Geral, busquei o depoimento da professora Suzana Albornoz que em 18 de julho de 2008 escreveu: “Entre a principais presenças que foram - e algumas, desnecessário citar, ainda são - fundamentais para a afirmação e configuração da Unisc, sua história, sua vida, é preciso contar, entre os primeiros, o nome do professor Ingo Voese, que conheci no tempo da idealização da Unisc, quando ele era o Diretor-Geral das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul – Fisc. De 1983 a 1986, tive a oportunidade de trabalhar como assessora junto à Direção-Geral, na elaboração do primeiro projeto da universidade, do qual ainda se notam traços nos atuais estatutos e projetos institucionais. Naquela atividade, pude acompanhar de perto o surgimento do sonho que hoje se faz realidade,

ou melhor, que a cada vez deve continuar a se refazer, como sonho e como realidade. O professor Ingo foi o promotor, na sua origem, do projeto da Universidade de Santa Cruz do Sul, dando apoio e estimulando o desenho de uma idéia de universidade, com um conceito próprio, tendo sido isto determinante para a identidade desta universidade, para a sua autocompreensão desde seus primeiros tempos, e para o caminho que tem seguido nestes 15 anos, sobretudo, para o compreender-se como o que se veio logo a chamar de universidade comunitária. Naqueles anos, o Brasil reencontrava a sua possibilidade de participação democrática, e isto também se dava na Fisc, onde o movimento de professores sedimentava as conquistas do Plano de Carreira e outras condições necessárias para um trabalho acadêmico de qualidade, como apoio a estudos de pós-graduação, tempo para pesquisa, apoio a publicações, eventos de intercâmbio interinstitucional. Para as conquistas do movimento de professores à época, julgo ter sido muito importante a presença na direção do professor Ingo Voese, antes de tudo um estudioso de Humanidades, com mestrado em Letras, um belo ensaio sobre Guimarães Rosa, e que dirigia o processo na Fisc com a visão de um professor, sensível à opinião dos colegas, com leituras atualizadas e críticas ao conservadorismo ao qual tendem por inércia as instituições.”

O EDUCADOR

Com olhar crítico e perspicaz, com posições firmes e claras, Ingo externa seus posicionamentos face à educação, face ao compromisso das instituições formadoras com as pessoas que preparam para intervir na sociedade. A grande tarefa – esse é o título que dá a um rápido artigo publicado em 1981 – é compreender que educação sempre, e acima de tudo, se constitui processo de base política. Nunca é neutra, porque se propõe preparar indivíduos para ingressar na sociedade, onde conflitos e interesses residem em abundância. Para tanto, o compromisso maior das instituições ligadas à educação deve ser com a reflexão, que encaminhe criticamente para a ação. A informação não se basta mais, é preciso que se libere espaço para a reflexão a respeito da relação da informação com a realidade do educando. Só a informação é insuficiente se não houver sobre ela a reflexão, a crítica e compreensão: a quem ela serve?

Como se percebe, está aí um olhar antecipador sobre tudo que se viria a discutir e vivenciar nas décadas que se seguiram. Ingo era objetivo: urge desvincular-se de modelos saudosistas, de conformismos, de propostas individualistas, é preciso partir do eu para o nós. Às instituições cabe a tarefa de não formar indivíduos que saibam apenas reproduzir situações culturais, mas que tenham a competência de se movimentar em propostas mais amplas, capazes de promover o bem-estar do homem, não de um, mas de todos.

Falando após o I Seminário de Educação do Vale do Rio Pardo, então como Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, reforça suas convicções, até mesmo blindando um forte preconceito que na época (1981) misturava elementos : “O educador de hoje, tanto de 3º grau, quanto o de 2º ou 1º, tem condições de dar uma contribuição muito importante ao encaminhamento do debate sobre educação. Até diria que o professor de hoje já não confunde mais política partidária com política educacional.”

Na abertura do Seminário de Educação Participativa, em maio de 1981: “A educação deve ser realizada através de um diálogo honesto, verdadeiro, ajudando o homem a encontrar os caminhos que levam à sua libertação, especialmente da exploração que sofre do seu semelhante. A educação deve encaminhar o homem a ser sujeito de sua própria história. É preciso apostar numa educação crítica, rigorosamente crítica, vigilante e transformadora.”

Em reunião com os professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no dia 4 de agosto de 1982, desata ampla discussão para reformular a linha pedagógica visando a uma educação na linha libertadora e participativa.

Para nós, ele foi um marco, um divisor de águas nessa coragem de propor mudanças. Em julho de 1983, expõe a idéia de que toda a sociedade deveria repensar o ato de educar, dentro de uma situação nova. Projetos que atenderam a necessidades do passado não podem mais ser apresentados hoje. As instituições devem estar abertas às transformações, não no sentido de liberação ou franquias total de movimentos (seria o caso do anarquismo), mas no sentido de criteriosamente verificar se suas linhas norteadoras continuam adequadas a um contexto histórico. Voltar-se ao passado não para copiar, mas para verificar o que houve de certo ou de errado, para encontrar elementos para construir o futuro. “Muitas vezes, quando no presente não encontramos soluções para os problemas educacionais, achamos que a volta simples ao passado

resolveria a questão, como se pudéssemos voltar ao paraíso perdido. Isso é uma utopia triste”, reflete.

Em fevereiro de 1985, deixou esta síntese: “Em educação, não há caminho conhecido que leve o homem ao seu sentido mais amplo. Há que caminhar sempre de um novo ponto rumo a uma nova direção toda vez que nos defrontamos com uma nova pessoa. E o importante: é preciso que haja um caminhar juntos, a intenção de educar-se, um a outro, ambos seres inacabados e, por isso, vivos, glorificando cada gesto livre e comprometido.”

O CIDADÃO COMUM

Antes de atuar no ensino superior em Santa Cruz do Sul, Ingo havia trabalhado em Campo Bom (4 anos), Três de Maio (3 anos), Ijuí e depois Santa Cruz do Sul. Estudou em Santa Cruz, Vera Cruz, São Leopoldo, Ijuí e Porto Alegre.

Em julho de 1983, assim falou sobre algumas questões pessoais, algumas de suas preferências. Disse que seu hobby era trabalhar na terra, torcer pelo Internacional era torcer contra o Grêmio, o cooperativismo se constituía em forma inteligente de conviver, cita Antônio Callado como um grande escritor (ele apreciava sobretudo o romance *Quarup*), eleger diretores de escola seria imprescindível para salvar a escola, aponta como uma alegria na vida quando começou a lecionar, Milton Nascimento como um bom cantor, caderneta de poupança como forma de alimentar a ilusão de ter dinheiro, e como esporte preferido declinou o enxadismo, revelando aqui seu grande apreço por lidar com a terra.

Um dos grandes amigos que teve em Santa Cruz do Sul foi o professor Olívio Lopes Vicentini, ainda hoje professor da Unisc. Deixa este depoimento: “Não, não o conhecia de lá (Ijuí). Sabia, via Geraldini, que eles eram muito amigos (do Sírio Possenti também). Tanto é assim que, em 1981, quando fiz o curso de pós-graduação coordenado pelo Ingo (na época em que não se podia abastecer o carro nos fins de semana), fui forçado a vir fazê-lo pelos dois unicampianos, ambos contratados para trabalharem nesse curso. Curioso, na época eu tinha um velho Passat. Completava o tanque em Ijuí e vinha para cá depois das 22 horas para as aulas de sábado. O professor Juarez comprava um galão de combustível para que eu pudesse voltar no domingo. O

Ingo era um grande desafiador dos seus alunos. Na época demonstrava estar lendo muitos textos de lingüística. Lembro-me de quando fui convidado por ele para saborear uma sopa de leite com cebola (feita pelo Sírio) na sua casa. Entre umas e outras biritas, a briga lingüística ia acontecendo. Depois de uma aula sobre problemas de redação no vestibular, trabalho exigido pelo Ingo, fui por ele convidado para vir trabalhar aqui. Foi um grande e bom amigo, mas, acima de tudo, uma pessoa com quem aprendi muito. Tenho saudades de suas provocações.”

Sua gestão de Diretor-Geral encerrou-se em 18 de janeiro de 1987. Depois de semear a sua revolução, ele decidiu partir. E poucas vezes retornou. Muitos de nós não entendíamos o que se passava. Penso até que isso perdura até hoje. Seu nome está estreitamente vinculado ao ensino superior de Santa Cruz do Sul e muito particularmente ao Curso de Letras, em que promoveu um salto de uma qualidade que até então tínhamos experimentado em pequena escala. E acho que nos deixa a grande lição: da seriedade intelectual, da saudável prática do partilhamento de vidas e de idéias, da imperiosa necessidade de habitar o horizonte de sonhos, começando nova jornada a cada amanhecer.

Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul

Rua Coronel Oscar R. Jost, 1551 - Fone: PABX (051) 713-1011 - Caixas Postais: 236 e 188
 Av. Independência, 2293 - Campus Universitário - Fone: PABX (051) 713-1633
 CEP 96800 - SANTA CRUZ DO SUL - RS

CURSOS:

CIÊNCIAS CONTÁBEIS
Decreto 62760
D.O.U. 27/05/68

ADMINISTRAÇÃO
Decreto 78004
D.O.U. 09/07/76

CIÊNCIAS ECONÔMICAS
Decreto 90538
D.O.U. 21/11/84

DIREITO
Decreto 72569
D.O.U. 03/08/73

EDUCAÇÃO FÍSICA
Decreto 73669
D.O.U. 20/02/74

EDUCAÇÃO - 1º. Grau
Decreto 71919
D.O.U. 16/03/73

Hab. MATEMÁTICA
Portaria 927
D.O.U. 21/09/79

Hab. BIOLOGIA
Portaria 927
D.O.U. 21/09/79

Hab. FÍSICA
Portaria 927
D.O.U. 21/09/79

Hab. QUÍMICA
Portaria 927
D.O.U. 21/09/79

ESTUDOS SOCIAIS
1º. Grau
Decreto 71919
D.O.U. 16/03/73

Hab. E.M.C.
Decreto 83388
D.O.U. 03/05/79
Portaria 366
D.O.U. 27/08/84

GEOGRAFIA
Portaria 366
D.O.U. 27/08/84

Hab. HISTÓRIA
Portaria 366
D.O.U. 27/08/84

LETRAS - 1º. Grau e Plena
Decreto 71919
D.O.U. 16/03/73

PEDAGOGIA
Hab. Magisterio
Decreto 71919
D.O.U. 16/03/73

Hab. SUPERVISÃO ESCOLAR
Portaria 1233
D.O.U. 18/12/79

Hab. ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL
Portaria 1233
D.O.U. 18/12/79

E D I T A L

O Diretor-Geral das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Artigo 11, item III e Artigo 13 § 1º do Regimento Unificado das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, convoca os professores em efetivo exercício na Faculdade de Direito de Santa Cruz do Sul, para procederem, entre os dias 02 a 06 de junho, a constituição da lista tríplice, indicando nomes dentre os professores titulares abaixo relacionados, visando a escolha do novo Diretor da Faculdade de Direito:

Aquilino J. Bergonsi
 Carlos Cesar Leopardo
 José Montini
 Orlando Eurico Piazero
 Joel Luiz Guarilha

A urna ficará à disposição no Protocolo das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul (Campus).

Santa Cruz do Sul, 29 de maio de 1986.


 Prof. Ingo Voese,
 Diretor-Geral

Edital de convocação de eleições assinado pelo então Diretor-Geral da FISC, professor Ingo Voese

NOTA

¹ Coordenador do Curso de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul, mestre em Literatura. elenor@unisc.br.